

Televisão e quadros de sentido: o trabalho de enquadramento em programas de entrevista*

RESUMO

Estudo de três programas televisivos, Programa do Jô, Mais Você e Boa Noite Brasil, que contaram com a participação de Fernanda Karina, personagem do escândalo político do “mensalão”. A análise dos programas mostra mudanças de enquadramento: de acordo com o perfil do programa e do entrevistador, a entrevistada é inserida em diferentes quadros de sentido, que ressaltam diferentes facetas e indicam a presença da distinção no seio da mídia.

PALAVRAS-CHAVE

interação comunicativa
quadros de sentido
análise da conversação

ABSTRACT

Study of three television programs, Programa do Jô, Mais Você e Boa Noite Brasil, which had the participation of Fernanda Karina, character from the political scandal known as “mensalão”. The analysis of the programs shows the changes of frame: from the profile of the program and of the interviewer, the interviewee is placed in different frames of meaning, which emphasize different faces and indicate the distinction in the media.

KEY WORDS

communicative interaction
frames of meaning
conversation analysis

A televisão, via de regra, é nomeada no singular; tanto a fala do senso comum como grande parte da literatura sobre mídia e cultura de massa identificam feitos, efeitos e características da televisão, como se o meio garantisse a unicidade de um sistema produtivo, de um trabalho de formatação de produtos. Essa leitura englobante do veículo TV decorre em parte da sua configuração técnica, e da força do suporte na construção de uma linguagem própria. Mas é também resultado da generalização de um modo de produção, com fins lucrativos, marcado pela racionalização, padronização e lógica do mercado, que confere uma aparente homogeneidade aos produtos.

A caracterização dos traços que unificam a televisão é uma abordagem importante – mas igualmente significativo é o esforço de identificação das diferenças que ocorrem no seio da produção televisiva, ou entre diferentes televisões. Esta é a perspectiva na qual se insere o presente trabalho: acompanhar o tratamento de um mesmo tema – o caso Fernanda Karina Somaggio – em três programas de entrevista, o Programa do Jô (Jô Soares, na Rede Globo); o Mais Você (Ana Maria Braga, também na Globo), e o Boa Noite Brasil (Gilberto Barros, o Leão, na Rede Bandeirantes).

Fernanda Karina é um dos personagens do “escândalo do mensalão”, um caso de corrupção que abalou os meios políticos brasileiros em 2005. Ex-secretária de Marcos Valério, o homem que foi apontado como “operador do mensalão”, Fernanda Karina, na sequência das denúncias sobre propinas no Congresso feitas pelo deputado Roberto Jefferson (PTB), vem confirmar as denúncias e acrescentar novas informações sobre as intervenções de seu ex-patrão. Este sub-acontecimento, no seio do acontecimento mensalão, permite inúmeras e interessantes análises: a maneira como Fernanda Karina é inserida na mídia, a maneira como ela mesma busca se construir como personagem, os diferentes “papéis de que se investiu no breve período de sua aparição midiática¹. No presente texto, nossa análise vai recortar um tipo de intervenção – sua participação em programas televisivos de entrevista – com o objetivo de perceber o movimento e as distinções promovidas em cada um deles. Selecionamos três programas, que submetemos a uma leitura comparada, buscando apreender a dinâmica interativa estabelecida entre os entrevistadores e a entrevistada, os enquadramentos promovidos pelos programas, a dinâmica e o posicionamento dos agentes.

Em princípio, e como dissemos acima, os diversos “casos” apresentados pela mídia obedecem a narrativas muito padronizadas, e tudo indicaria a inexistência de distinções entre os três programas analisados, e a identificação de um discurso monócórdio em torno do caso. Nosso interesse, no entanto, foi buscar nuances

Vera Veiga França

Professora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFMG/MG/BR
veravfranca@pq.cnpq.br

Vanessa Costa Trindade

Bolsista de Iniciação Científica do CNPq e graduada em Comunicação Social na UFMG/MG/BR
vancotrin@yahoo.com.br

e pequenos vieses que compõem, não a “mesmice” da mídia de forma geral, e da televisão de forma particular, mas a presença da diversificação e de movimento entre os inúmeros discursos televisivos.

Nosso pressuposto quanto à existência de distinções se funda na abordagem que promovemos do processo de interação: enquanto ação situada, e marcada pela presença e intervenção dos interlocutores, a interação constitui um processo móvel, composto de fases, e que se organiza a partir de seu próprio desenrolar (Mead, 2006; Goffman, 1995).

É bem verdade que os estudos clássicos da interação se remetem às situações de co-presença (interações interpessoais); não negligenciamos a especificidade da produção midiática e das relações mediatizadas, nem a existência de interesses e objetivos claramente delineados e previamente estabelecidos que organizam esse tipo de produção. Mesmo no caso de entrevistas (que é o caso que estamos estudando), em que o entrevistado tem certa liberdade de construir sua resposta, seria equivocado promover uma equivalência estrita com a dinâmica e a espontaneidade que marcam outras situações da conversação cotidiana. Entrevistas televisivas seguem roteiros, têm propósitos claramente delineados que antecedem a entrevista propriamente dita e aquilo que o entrevistado poderá trazer.

Não obstante, esta especificidade não pode tampouco ser traduzida em uma determinação completa; por um lado, entrevistadores e/ou animadores de programa intervêm de forma própria, seguem um estilo e um feeling particular. Por outro, os entrevistados não se reduzem a respondentes opacos, mas atuam de forma viva, por vezes convergente, por vezes em descompasso com a expectativa e o modelo previsto. Ou seja, acontece ali uma interação, com desdobramentos e distinções que é necessário e importante observar; distinções que são captadas e interpretadas pelos telespectadores, estabelecendo cumplicidade, identificação ou distância (num novo quadro interativo, que neste artigo não iremos tratar).

Construção de uma abordagem

Conforme indicado nesta breve introdução, nosso propósito aqui consiste em promover uma leitura comparada das emissões televisivas (três entrevistas com Fernanda Karina), com vistas a apreender a dinâmica tomada por cada uma. Nossa hipótese, ou ponto de partida, era de que essas entrevistas não constituíram uma mera repetição, embora o conteúdo tratado, ou a pauta de assuntos, não pudesse sofrer grandes variações.

O primeiro desafio enfrentado diz respeito à construção do caminho de abordagem; se o conceito de interação, ou de interação comunicativa², nos fornece alguns balizadores (a presença reciprocamente referenciada de dois ou mais agentes; o desdobramento em fases), era preciso transformá-lo em ferramentas

metodológicas mais precisas, de forma a conduzir e orientar o tratamento da empiria (dos programas). O caminho escolhido consistiu numa adaptação da análise da conversação – esta, por sua vez, uma das dimensões empíricas da etnometodologia³.

O conceito-chave da etnometodologia é o conceito de prática, de realização; as atividades práticas empreendidas por indivíduos em situações reais compreendem um trabalho de construção do mundo, e analisando-as é possível identificar os sentidos e a ordem que orientam esta construção. Ação, significado e contexto elaboram-se mutuamente (Garfinkel, 1967); a ação sofre um desenvolvimento temporal, e em momentos diferentes, em situações distintas, os significados atribuídos a uma mesma prática podem variar. Por isto a etnometodologia tem no senso comum e nas conversas do dia-a-dia um universo privilegiado de análise: fazendo relatos no e sobre o cotidiano as pessoas constroem a ordem social, apreendem o que fazem e organizam sua existência no mundo. Para os etnometodólogos, a conversa comum, além de ser o principal meio de interação no mundo social, é também a forma essencial por onde ocorre a socialização. A conversação cotidiana é, de certo modo, uma referência de reconhecimento e vivência dos outros tipos de interação formais.

O campo da análise da conversação começou a emergir no final dos anos 1960 e sempre teve uma abordagem essencialmente empírica, preocupando-se com o exame direto da ação social. Tal perspectiva busca apreender, a partir das falas dos interlocutores, como uma interação é organizada a todo o momento pelos seus participantes (Heritage, 1999). De acordo com a análise da conversação, a partir das falas dos atores sociais, é possível conhecer como uma situação se dá dentro de determinado contexto. Segundo Mattelart & Mattelart (1999), esse olhar para a linguagem tem grande influência da fenomenologia de Alfred Schütz e da teoria dos atos da fala, de Austin. Para este último, a linguagem, além de descritiva, é performativa – pela fala é possível efetuar uma ação, agir sobre o outro ou fazê-lo agir. Segundo aquele, a linguagem comum diz da realidade social, descreve-a e ao mesmo tempo a constitui. Ainda para Mattelart & Mattelart (1999), a etnometodologia também retoma a noção de “jogos de linguagem”, introduzida por Wittgenstein, que valoriza não a linguagem descrita em suas estruturas formais, mas a linguagem em uso na interação social.

Outra contribuição para a etnometodologia vem do interacionismo simbólico, que defende que o significado social dos objetos se deve ao fato de lhes darmos sentido durante nossas interações. Assim, em contextos diferentes os objetos terão significados também diferentes. Segundo o conceito de “indicialidade”, as palavras têm significados distintos em cada situação em que são usadas. A compreensão das palavras passa por características indicativas que demandam uma in-

interpretação dos indivíduos tendo por base um contexto determinado. Dessa maneira, não existem modelos a priori de análise da conversação. Ela parte de dados empíricos em situações reais. Não é possível desvincular a análise da conversação do contexto da ação analisada (Marcushi, 1991).

A análise da conversação passa por várias fases, evoluindo da descrição das estruturas da conversação e seus mecanismos de organização para um trabalho de interpretação das conversas. A análise conversacional também não se detém apenas nos recursos verbais, mas considera ainda recursos não verbais, como risos e gesticulações, que estabelecem e regulam o contato, e recursos supra-segmentais, como as pausas e o tom de voz.

Os modelos desenvolvidos pela análise da conversação são complexos e exaustivos, e extrapolam os objetivos de nosso trabalho. Alguns elementos trazidos por eles, no entanto, usados de forma mais flexível, nos parecem oportunos para a dinâmica que buscamos apreender. Esta perspectiva metodológica enfatiza sobremaneira a idéia da “troca de turnos”, isto é, os modos como os falantes organizam o encadeamento e o revezamento de suas falas, bem como a utilização de estratégias de coordenação e de mecanismos de reparação. Atenta para a identificação dos “tópicos de conversação” (itens ou eixos temáticos que agregam o interesse dos participantes⁴), e destaca a presença e o uso do que nomeiam “pares adjacentes” - enunciados típicos que vêm juntos e se completam⁵.

Este quadro teórico nos permite ver que a análise da conversação não visa à linguagem em si mesma, mas, através dela, dirige seu foco para a interlocução, para o posicionamento dos atores sociais, para os papéis que eles assumem e que lhes são atribuídos, bem como para os valores e movimentos que eles introduzem. Em suma, os elementos metodológicos introduzidos pela análise da conversação nos parecem especialmente oportunos para apreender a formatação e o desenvolvimento das interações comunicativas.

Há que se indagar, no entanto, sua pertinência para a análise de conversas no espaço televisivo, tendo em vista as observações iniciais quanto à especificidade de sua produção – em particular seu aspecto altamente programado e roteirizado. Vários aspectos vêm reforçar sua adequação. O primeiro deles é o contágio e miscigenação que acontece entre as várias formas de conversação social; se, por um lado, os programas televisivos (tanto os informativos como os ficcionais), tendem a reproduzir as falas cotidianas, por outro lado as conversações cotidianas sofrem permanente influência dos modelos televisivos (vocabulário, postura etc.), de tal maneira que, em cada sociedade, uma referência comum de conversação se desenvolve e se torna perceptível - na rua e na mídia.

A análise da conversação também é vantajosa por

incluir outros elementos além dos recursos verbais, oferecendo mais alternativas para a análise da produção audiovisual. Ela permite examinar a fisionomia dos sujeitos, gestos, atitudes; recursos sonoros introduzidos; cortes, entre outros aspectos, tornando mais rica a apreensão das ações empreendidas pelos sujeitos.

Há ainda que ressaltar que, quando estamos falando de entrevistas, partimos do pressuposto de que o desempenho dos entrevistados goza de algum grau de liberdade na construção de suas respostas, trazida pelo formato da relação: a entrevista visa provocar o discurso do outro. Mas, sobretudo, é importante resgatar o grau de imprevisibilidade que marca toda atuação dos sujeitos sociais no mundo: seres humanos são dotados da capacidade de discernimento e escolha, são atravessados por emoções, interesses, raciocínios; avaliam situações específicas e mudam de idéia no curso de suas ações. Assim, em programas de entrevista e vários outros formatos em que a inserção ao vivo permite e/ou requer um desempenho mais livre, alterações e improvisações podem acontecer – e acontecem.

Além desses aspectos, a ênfase dada pela análise da conversação e pela etnometodologia à relação ação/contexto/significado, em perfeita sintonia com nossa compreensão do processo comunicativo, nos permite ver situações comunicativas particulares inseridas numa dinâmica contextual e cultural mais ampla. É compreendendo que ações se dão em contextos que as iluminam; que contextos são alterados pelas ações que se desenrolam; que a presença de significados e de um trabalho de construção discursiva instrumentam as ações e relações entre os indivíduos e dinamizam a vida social (Quéré, 2002) – enfim, é tomando as interações comunicativas como “momento constitutivo” que justificamos a importância de seu estudo.

Com bases nessas considerações, e utilizando ou inspirando-nos em algumas categorias trazidas pela análise da conversação, construímos a grade analítica que veio orientar o tratamento e leitura dos programas. Como primeiro passo na busca do contexto, promovemos a identificação e caracterização de cada programa como um todo, ou seja, um perfil geral do Programa do Jô, do Mais Você e do Boa Noite Brasil. Ao mesmo tempo, e através de um recorte mais amplo da produção jornalística, buscamos uma configuração geral do acontecimento ao qual o caso Fernanda Karina se vinculava, ou seja, o escândalo do mensalão e, para além dele, o cenário mais extenso da questão da corrupção política no Brasil.

Na etapa seguinte, procedemos à transcrição dos três programas, registrando os diálogos e outros elementos sonoros e visuais que compuseram as cenas. Esta transcrição nos permitiu identificar os tópicos da conversação (temas, assuntos), atentando para a sua seqüência, encadeamento, existência de cortes, repetições, contradições; a maior ou menor explicitação das

questões tratadas, e a presença dos implícitos (conteúdos que se supõem compartilhados, ou são tratados de forma velada)⁶; a troca de turnos (como entrevistador e entrevistada se posicionavam); uso de pares adjacentes e/ou a existência de rupturas de expectativa. É por meio do posicionamento adjacente que os fracassos podem ser reconhecidos e as correções podem ser tentadas. Esses reconhecimentos e correções ficam muito claros quando investigamos programas televisivos. Dependendo do gesto ou da palavra dita pelo entrevistador ou pelo entrevistado percebemos se o outro concordou com o que foi dito; se entendeu o sentido proposto pelo seu interlocutor; se não entendeu, o que foi feito para corrigir o equívoco. Desta maneira, podemos perceber se o entrevistado está correspondendo ao lugar que lhe foi atribuído pelo entrevistador e vice-versa, ou mesmo se os valores sociais que são importantes para um deles também o são para o outro.

O Programa do Jô

O surgimento de Fernanda Karina se dá através de entrevista publicada pela revista semanal IstoÉ Dinheiro, em 22 de junho de 2005. Na seqüência, a ex-secretária de Marcos Valério fez uma série de aparições em diferentes mídias. O Programa do Jô foi o primeiro programa televisivo do qual ela participou, no dia 29 de junho de 2005.

Apresentado por Jô Soares e produzido pela Rede Globo de São Paulo, o programa vai ao ar todas as noites, de segunda a sexta-feira, por volta de meia-noite. A duração é de aproximadamente uma hora e dez minutos e o programa é dividido em três blocos. O apresentador Jô Soares é a figura central. No palco, ele canta, interpreta, conta piadas e manda o “beijo do gordo”. É uma figura divertida e, ao mesmo tempo, refinada. O programa consiste em entrevistas com convidados distintos (intelectuais, artistas, políticos, pessoas que se destacam em alguma área) e atrações musicais.

Na noite de sua participação no programa, Fernanda Karina é a primeira entrevistada. Depois da abertura tradicional, Jô chama sua convidada de forma espetacular: “Ela denunciou o ex-chefe”. Após a chamada, o apresentador pergunta se ela vai posar nua para a revista masculina Playboy⁷. O tom é de brincadeira e o assunto não prossegue.

A seqüência da entrevista passa por uma série de questões, de cortes e retomadas de assuntos. Jô pergunta sobre o depoimento de F. Karina no Conselho de Ética da Câmara, comenta a ameaça que a ex-secretária sofreu de um motoboy em um sinal de trânsito de Belo Horizonte, volta ao depoimento no Conselho de Ética, faz referências à movimentação das malas de dinheiro na agência de publicidade em que Fernanda Karina trabalhou, pergunta sobre o relacionamento entre a ex-secretária e o antigo patrão, sobre as relações entre a sua vida pessoal e o trabalho.

Jô trata em seguida do processo criminal que Mar-

cos Valério abriu contra a ex-secretária; ela se disse surpreendida quando recebeu a intimação para depor, pensando que se tratasse de outro assunto. O apresentador pergunta se Marcos Valério sabia da entrevista concedida pela ex-secretária à revista IstoÉ Dinheiro, e se ela o havia chantageado – o que foi enfaticamente negado.

A entrevista continua no segundo bloco, retomando o tema da entrevista à IstoÉ Dinheiro e o caso de um e-mail pessoal trocado entre ela e o repórter Leonardo Attuch, que, não se sabe como, foi acessado por pessoas da empresa de Marcos Valério e apresentado no depoimento na Comissão de Ética. Nessa parte Jô registra uma contradição com o que ela havia dito antes (sua ignorância quanto ao teor da intimação judicial recebida); ela se justifica; ele interrompe dizendo que a história ainda não estava muito clara, e o assunto continua até ser melhor explicado. O apresentador conclui dizendo que o caso é muito estranho.

Jô Soares pergunta se ela sabia que a conversa com o repórter poderia ser utilizada; ela responde que sim, e por isso tinha medo, pois sabia do que Marcos Valério era capaz de fazer. Nesse momento ela relata com detalhes, e de forma um pouco confusa, a ameaça que sofreu de um motoqueiro. Jô Soares pergunta o que o marido disse a respeito da ameaça e ela revela que naquele momento não contou nada para ele.

O assunto não se estende, o apresentador fala que o papo foi “bem legal” e diz querer saber até que ponto atitudes como a dela influenciam o relacionamento geral entre secretárias e patrões, e podem ser prejudiciais na procura de um novo emprego.

Como se vê, a entrevista passou por muitos assuntos, e à primeira vista foi bastante abrangente. A chamada inicial dá a impressão de que o foco estará no escândalo do mensalão, acontecimento político de grande destaque naquele momento. Todavia, um olhar mais cuidadoso sobre a seqüência das falas mostra que o eixo da entrevista gira em torno das razões da denúncia e do relacionamento chefe-secretária. Toda a conversa é ordenada seguindo o eixo acusação e contra-acusação: Fernanda Karina denuncia o ex-chefe, e ele a processa por tentativa de extorsão. Ameaças, controle de e-mail, dubiedades são aspectos enfatizados para buscar compreender o posicionamento da secretária.

O assunto da revista Playboy foi só uma brincadeira inicial; o escândalo do mensalão aparece por meio de ícones que remetem à crise, como depoimentos, “malas de dinheiro”, mas não passa disso. O apresentador parece querer saber como e por que ela agiu dessa maneira, e o que levou o ex-patrão a abrir um processo criminal contra ela. Mais de uma vez ele indaga sobre a relação entre os dois; quando pergunta se a ex-secretária tratava dos assuntos pessoais do publicitário chega a insinuar uma relação de intimidade:

JÔ: Você, você exercia uma função de confiança em relação a ele?

FK: Sim.

JÔ: Mesmo assim não havia, não uma intimidade maior entre vocês?

FK: Não, não.

A entrevistada participou do programa logo depois de sua primeira aparição como testemunha do escândalo mensalão. Nesse momento não se sabia ao certo quem ela era, os motivos e alcance de sua denúncia, o que justificaria o interesse do apresentador em conhecer melhor as circunstâncias de sua inserção no caso. De toda forma, o eixo da entrevista foi bastante centrado na pessoa de Fernanda Karina. Foi também uma entrevista muito pouco informativa; alguns trechos só são compreendidos tendo em vista tudo o que foi divulgado e comentado a respeito da crise do mensalão. O caso Playboy, e imagens como “malas de dinheiro”, “cansar de contar dinheiro”⁸ são referências situadas.

Outros aspectos pouco claros foram objetos de interesse e esclarecimento ao longo dos dois blocos – não só a relação dela com o patrão, como a relação com o repórter da revista, as condições e conseqüências da entrevista, as ameaças, o e-mail, ou seja – um certo quadro conspirativo vazando para dentro e para fora da agência de Marcos Valério.

Houve um cuidado por parte do apresentador e da entrevistada em evitar identificações nominais: a agência SMP&B é falada apenas como a “empresa” onde trabalhou; também os políticos envolvidos no mensalão não são citados (o único nome que aparece é o de Delúbio Soares, ex-tesoureiro do PT).

Em vários momentos da entrevista o apresentador muda bruscamente de assunto, interrompendo a discussão e às vezes deixando questões em aberto (faz uma pergunta e não espera a resposta etc). O acompanhamento cuidadoso da entrevista deixa perceber o quanto ele conduz a conversa e é pouco poroso às intervenções de Fernanda Karina – que se limita a confirmar, negar, formular explicações pouco precisas. Em seu interesse pela trama das relações, Jô parece buscar elementos picantes, que não aparecem, e a apurar as exatas condições da denúncia. Fernanda Karina, por seu lado, restringe-se em grande medida a reafirmar o que já havia dito em depoimentos anteriores e a reiterar sua honestidade. Apresenta certas contradições ao explicar o início de seu envolvimento no processo de denúncia; ao que tudo indica, seu envolvimento foi um pouco casual e, no princípio, sem muita consciência dos desdobramentos possíveis. É também dúbia a posição do marido: afirma que ele está sempre ao lado dela – mas que só ficou sabendo de sua entrevista quando ela veio a público.

Jô Soares tem um tratamento cortês e educado, faz brincadeiras para descontrair sua convidada, e produz

suas tiradas espirituosas e bem humoradas. Os deslizes e/ou contradições da ex-secretária ora passam despercebidos, ora são organizados com a ajuda do apresentador.

O fio condutor da entrevista, como ressaltado acima, é o relacionamento chefe-secretária. E Fernanda Karina parece se acomodar nesse enquadramento, respondendo também como ex-secretária. Por exemplo, quando conversavam sobre o funcionamento do esquema do mensalão dentro da SMP&B, o apresentador pergunta quando ela começou a se envolver com o assunto dinheiro dentro da empresa e a ter consciência do que ocorria, ela responde de seu lugar de secretária:

FK: Não, a saber nós já sabíamos sempre, mesmo por causa dos boys, mas envolver com dinheiro não. Eu não trabalhava no departamento financeiro. Era secretária dele.

O apresentador encerra a entrevista com as palavras: “Muito bem. Eu conversei aqui com a Fernanda Karina Somaggio, ex-secretária de Marcos Valério. Muito obrigada pela sua presença conosco”. Assim como a abertura, o encerramento marca o seu lugar.

O Mais Você

No modelo atual de negócio, em grande parte dos vO Mais Você é um programa de televisão produzido pela Rede Globo de São Paulo, desde outubro de 1999, e apresentado por Ana Maria Braga. O programa aborda, entre outras coisas, culinária, artesanato, moda e saúde. Mais Você vai ao ar por volta de 8h da manhã, de segunda a sexta-feira, e dura aproximadamente uma hora e vinte minutos. Os temas em pauta na mídia são discutidos em matérias gravadas, entrevistas; eventualmente apresenta atrações musicais no final do programa.

Fernanda Karina participou do Mais Você no dia 18 de julho de 2005. Inicialmente Ana Maria mostra um VT em que a ex-secretária de Marcos Valério dá seu depoimento a respeito do escândalo do mensalão. Em seguida as câmeras mostram Ana Maria Braga e Fernanda Karina sentadas em um sofá. Elas conversam sobre as conseqüências de sua denúncia, Fernanda Karina confirma a ameaça que recebeu e enfatiza seu medo; fala de sua filha de oito anos, que está no estúdio de Mais Você, e autoriza que ela seja mostrada. A apresentadora pergunta sobre a posição do marido de Fernanda Karina, sobre sua saída da agência, e comenta que houve um momento no qual Fernanda Karina, acusada de tentativa de extorsão, foi quase colocada como ré. A ex-secretária relata que após sua saída da agência começou a ser assediada por repórteres, e que no início não queria falar, “já que era uma simples secretária”.

Ana Maria pergunta se em “nenhum momento” a ex-secretária chegou a pedir dinheiro ao publicitário, prontamente negado, e questiona o motivo de Fernanda

Karina ter guardado sua agenda, ao qual esta respondeu de forma pouco clara.

Na seqüência o Mais Você colocou um link na Avenida Paulista, para a intervenção ao vivo de duas secretárias, dirigindo-se a Fernanda Karina. As duas tocam na questão do código de ética da profissão e a postura da secretária como cidadã e como pessoa, elogiam e desejam sorte a Fernanda Karina.

Em seguida Ana Maria fala sobre o depoimento de Fernanda Karina na CPI, sobre o volume de dinheiro que teria passado pela agência de Marcos Valério (90 milhões de reais). As duas enfatizam a necessidade de mudança no país, e Ana Maria pede que a ex-secretária aconselhe as pessoas que estão em situação semelhante à sua. Fernanda Karina diz que é necessário falar para acabar com a corrupção; que a sua consciência está limpa, que ela faria tudo de novo e que as pessoas têm que denunciar, pois o fim da corrupção depende “de cada um de nós”.

Ana Maria faz sinal de concordância, agradece a participação de sua convidada; cumprimenta pela “filha linda” e pelo marido, que “obviamente é um homem do bem”, deseja boa viagem – e que “coma um pão de queijo por ela” em Minas.

Em contraste com o Programa do Jô, no desenvolvimento desta entrevista Fernanda Karina é falada como mulher comum, como mãe, como esposa. Seu papel de secretária é enfatizado, mas contraposto ao papel de cidadã – justificando assim uma possível transgressão ao código de ética da profissão⁹, que a impediria de revelar detalhes do funcionamento da empresa onde trabalhava. A intervenção das duas secretárias e o posicionamento de Fernanda Karina são enfáticos: ela agiu como cidadã, em prol do povo brasileiro.

A conversa se desenvolve de maneira fluida; os assuntos parecem surgir de modo mais natural do que no Programa do Jô, e quase não há quebras (mudança brusca de assunto) na discussão. A apresentadora pergunta sobre a vida pessoal da entrevistada, mas não deixa de pontuar os aspectos relativos ao mensalão – detalhes do depoimento, confirmação das denúncias, valores envolvidos, a figura das malas. Pergunta por que ela saiu da agência, toca no processo movido por Marcos Valério e pergunta diretamente (mas sua pergunta é no negativo) se houve tentativa de extorsão.

Alguns aspectos da conversa supõem um conhecimento prévio do desenvolvimento do caso – a menção à entrevista ao jornalista da IstoÉ Dinheiro, a ameaça feita pelo motoqueiro, as malas. Assim como no Programa do Jô, nomes de envolvidos no esquema de corrupção aparecem pouquíssimas vezes e, normalmente, em VTs de programas jornalísticos da Rede Globo exibidos durante a conversa.

Um detalhe sobre o qual Fernanda Karina se atrapalha diz respeito à sua agenda: perguntada sobre por que guardou a agenda, ela responde de forma imprecisa.

Outro aspecto de certa forma contraditório é ter permitido que sua filha fosse mostrada em rede nacional, ao mesmo tempo em que enfatiza a preocupação com as ameaças e com a segurança da menina.

Ana Maria procura se mostrar isenta com relação aos aspectos narrados, e reitera a importância de se resgatar “a verdade dos fatos”:

AM: E essa coisa do medo, naquele primeiro momento? Porque a gente achou que você, realmente. A gente está de fora, né!?, e quer saber da verdade.

FK: Claro.

AM: A gente não torce nem pra A, nem pra B, nem pra Y. A gente quer saber o quê que realmente acontece num país como o nosso, que é uma democracia, e que as pessoas, a gente vota pras pessoas dirigirem bem o país. Né!?

FK: Claro.

Mas é extremamente delicada em toda a entrevista, demonstra preocupação e cuidado com a convidada, e em vários momentos a apresentadora confirma as informações de Fernanda Karina, o que ajuda a torná-las mais convincentes. Quando Fernanda Karina diz que “pra acabar com a corrupção só depende da gente”, a apresentadora completa “De cada um de nós”, e a ex-secretária reafirma “De cada um de nós”, indicando uma atitude de concordância e cumplicidade entre elas.

O lugar da entrevistada dentro do Mais Você ultrapassa a figura da ex-secretária que denunciou o antigo patrão: mais humanizada, mais simples, é a mulher comum, uma cidadã ordinária que se volta contra a corrupção. Não apenas ela é colocada neste lugar, como ela é colocada aí de forma exemplar, e instada a aconselhar quem se encontre em situação semelhante. Ela aceita o posicionamento, fala contra a corrupção, reitera sua convicção e faz um chamado a que todos se posicionem.

O Boa Noite Brasil

O Boa Noite Brasil é um programa de televisão produzido pela Rede Bandeirantes e apresentado por Gilberto Barros, o Leão, nas noites de 2^a, 3^a, 4^a e 6^a feira. O programa mistura jornalismo, jogos e musicais. A inserção de Fernanda Karina neste programa, em 09 de agosto de 2005, se deu no quadro “De cara com a Fera”, onde Leão faz dez perguntas para o seu convidado (que escolhe em que ordem quer responder) e, uma a uma, as respostas são avaliadas pela máquina da verdade. A avaliação da máquina é feita de acordo com o timbre da voz; a cada resposta imprecisa o convidado, que começa com 5 mil reais, perde R\$ 500. Caso a máquina dê “afirmação falsa” a punição é maior, perdem-se mil reais.

Gilberto Barros inicia o quadro dizendo que sua convidada colocou o governo Lula em xeque, deixou os partidos políticos de perna para o ar e agora quer colocar as pernas para o ar nas capas de uma revista. Ele

anuncia, então, Fernanda Karina, que entra sorridente e distribuindo “tchauzinhos”. O apresentador explica o funcionamento do jogo e conversa com ela até que a máquina da verdade se adapte à voz da ex-secretária.

A primeira pergunta escolhida por Fernanda Karina foi a de número 3, “por quê Marcos Valério acusou a ex-secretária por extorsão”. A convidada responde que o ex-patrão tinha conhecimento de que ela sabia de alguma coisa do que se passava na SMP&B e temia que isso fosse falado. A segunda é a 9, se a ex-secretária se arrepende de ter quebrado o código moral não tornando imediatamente público o esquema em que Marcos Valério estava envolvido. Ela fala que se tivesse contado antes ninguém acreditaria. Em seguida, a número 5: “Em entrevista à Revista da Folha, em 31 de julho de 2005, você teria dito que não confia nas mulheres. Você acredita que as mulheres mentem?”, pergunta Gilberto Barros. A ex-secretária diz não ter falado isso, até porque ela acredita que as mulheres são mais sinceras que os homens. Leão questiona se Fernanda Karina mente e ela responde que não. O apresentador pergunta se sua convidada acredita que Renilda, mulher de Valério, mentiu quando disse que não sabia dos negócios do marido. Fernanda Karina diz que Renilda devia saber de muito pouco.

Ao final de cada conjunto de respostas é lida a avaliação da máquina da verdade. E assim continua o jogo, com as sete perguntas restantes, além de outras indagações intercaladas, tais como: por que Fernanda Karina resolveu falar somente depois das denúncias de Roberto Jefferson sobre o “mensalão”? Ela recebeu o convite para posar nua?. Fernanda Karina ama Valério? Por que Marcos Valério é um sujeito muito doido? Ela chegou a participar de alguma “mutreta”, das que, na entrevista à IstoÉ Dinheiro, ela afirma terem acontecido entre a SMP&B e o Banco do Brasil? A ex-secretária quer ser celebridade? E por fim: “Karina afirma em entrevista à Revista da Folha, em 31 de julho de 2005, que enfiaram uma porção de coisas na cabeça de Renilda para serem ditas na hora do depoimento. Fecha aspas. Isso é verdade Karina?”.

A variedade de lugares atribuídos à ex-secretária e o tipo do quadro do qual participa Fernanda Karina (um jogo da verdade) permitem que Leão faça indagações sobre temas diversos. A variedade das questões colocadas dificulta a identificação de um eixo condutor, ou da tendência que estaria orientando o jogo “De cara com a Fera”. O programa demonstra interesse pela participação de Fernanda Karina nas denúncias da crise do “mensalão”, pelo convite que a ex-secretária teria recebido para posar nua, pelo seu relacionamento com Marcos Valério, pela sua possível candidatura política. Os assuntos mais recorrentes estão relacionados ao processo de denúncia contra o ex-patrão e a como era o trabalho da ex-secretária na SMP&B, mas essa recorrência não é suficiente para dizer da existência de

um eixo temático.

O programa não enfatiza particularmente a relação entre chefe e secretária, como ocorre no Programa do Jô, nem procura justificar as denúncias e a posição de Fernanda Karina, como o faz Ana Maria. Entre os três programas, Boa Noite Brasil é o mais abrangente, e não se detém em nenhum aspecto particular, mas percorre as várias imagens e papéis que cercaram a construção pública da personagem Fernanda Karina¹⁰.

Um dos assuntos que ganha um certo relevo – porque não tinha sido tocado anteriormente, e evidencia uma posição um pouco contraditória da entrevistada – é a provável candidatura de Fernanda Karina a deputada federal. Quando a ex-secretária conta que ela e o advogado pediram dois milhões de reais para que ela posasse nua, a soma é questionada por Leão:

GB: Pra que você quer tanto dinheiro?

FKS: [Ela ri e responde] Porque na verdade eu estava, eu sempre, é, depois que eu conversei com ele eu achei que seria a única maneira de conseguir algum dinheiro pra que eu pudesse me candidatar. Né!? Então, como eu...

GB: Se candidatar a que?

FKS: A deputada federal.

GB: Você então é candidata a deputada federal?

FKS: Está nos meus planos.

(Boa Noite Brasil, 09/08/2005).

Como o quadro “De cara com a Fera” é estruturado na forma de um jogo, os assuntos aparecem, aleatoriamente, de acordo com as perguntas escolhidas pelo número pelo entrevistado. O ritmo é semelhante ao das entrevistas ping-pong, espera-se mais uma diversidade de perguntas do que um aprofundamento nas questões abordadas antes de se mudar de assunto.

Boa Noite Brasil trabalha mais no nível das evidências e não traz muitos implícitos. Todas as perguntas são precedidas de uma breve explicação, como podemos ver na transcrição abaixo:

GB: Número 3 é a pergunta inicial de Karina Somaggio, Brasil. A três, que você escolheu, a três é esta : [a tela fica dividida ao meio: de um lado, FKS, do outro, Leão. Abaixo dos dois vem a pergunta]

- Segundo a imprensa, Karina Somaggio é acusada de extorsão pelo Sr. Marcos Valério, ex-chefe dela, na SMP&B, onde Karina trabalhou por dez meses. Por que, na sua opinião, ele faz essa acusação, hein, Karina?

(Boa Noite Brasil, 09/08/2005).

Algumas poucas indagações, normalmente perguntas acrescentadas por Leão às questões principais do jogo, pareceram não ser entendidas de imediato, mas se tornam claras ao longo de sua participação no programa.

Neste, assim como nos dois outros programas analisados, a ex-secretária se contradiz em alguns momentos. Por exemplo, ela diz não ter denunciado antes de Roberto Jefferson porque era uma simples secretária e ninguém acreditaria nela. Porém, posteriormente conta que conversou com o repórter Leonardo Attuch antes das denúncias de Jefferson.

Leão tende a não comentar as contradições de sua convidada. A atenção do Boa Noite Brasil está voltada muito mais para a avaliação que a máquina da verdade faz do que para a avaliação de Leão. Gilberto Barros tenta se mostrar como uma pessoa confiável, ajudando a ex-secretária a se sentir à vontade para responder. O bom andamento do jogo pede que ela fale e a máquina da verdade analise. Mas houve um momento, quando ela falou de sua candidatura, em que ela foi mais seriamente questionada e seu argumento foi desarmado por Leão:

GB: Você não acha que você gostando de política o jeito de começar não seria pela câmara dos vereadores...
FKS: Eu...

GB: ...ou como partido político, atuando nele?

FKS: Não, eu acho que no momento que nós estamos, nós precisamos começar a mudar as pessoas que estão lá. Tirar realmente as pessoas corruptas. E isso depende de cada um de nós, né!? E colocar pessoas que realmente querem o bem do país. Eu quero o bem do meu país. Porque eu tenho uma filha, tenho uma, tenho sobrinhas, tenho amigos, (platéia aplaude FKS) e essas pessoas precisam de um país melhor.

GB: É, é bonito o que você falou, (FKS sorri) exatamente como todos falam antes de entrar, depois que entram dá no que deu.

(Boa Noite Brasil, 09/08/2005).

E qual o posicionamento da entrevistada no programa? Em Boa Noite Brasil, Fernanda Karina é colocada em vários lugares. Além de ser a ex-secretária de Marcos Valério e a cidadã que aparecem nos outros programas analisados, aqui ela também é apontada como mulher sexy que vai posar para a Playboy, como candidata ao cargo de deputada federal e como celebridade.

Entretanto, alguns desses lugares em que a ex-secretária é colocada não são mantidos por ela. O lugar de mulher sexy, por exemplo, não se sustenta em cima da aparência física de Fernanda Karina, e ela mesma reconhece isto. Como celebridade, ela também se coloca de forma controversa. Apesar de inicialmente dizer que não quer ser famosa, e que não é celebridade, entra como tal no programa, bem mais produzida que em suas primeiras aparições públicas, sorrindo e dando tchauzinho.

GB: Mesmo que seja só momentânea, ser celebridade pra você é bom?

FK: Não é bom, assim, não é bom porque, na verdade, eu parei de trabalhar, minha vida ficou totalmente de cabeça pra baixo, e nunca foi esse o meu intuito.

GB: Mas foi apenas como celebridade que você disse do seu desejo de ser deputada.

FK: Sim, isso com certeza.

GB: Você acredita que seu nome vai entrar para a história do Brasil?

FK: Acredito. Assim como foi a outra secretária, o motorista.

Ao longo do programa suas respostas foram sendo avaliadas pela máquina ora como “verdade”, ora “não tem certeza”, “estresse alto” e “mentira”; com os descontos, a ex-secretária termina o jogo com 2500. O apresentador anuncia, porém, que pelas verdades ditas ele devolve o dinheiro perdido e a convidada volta a ter cinco mil reais. E se despede dizendo:

Nós recebemos no ‘De cara com a Fera’ Fernanda Karina Somaggio, a ex-secretária de Marcos Valério e candidata a Deputada Federal por Minas Gerais, a quem eu peço uma salva de palmas ao Brasil. (Boa Noite Brasil, 09/08/2005).

Gilberto Barros agradece novamente a visita, diz que a ex-secretária pode contar sempre com ele, fala que ela é muito bonita e que deveria posar para a Playboy. Encerra desejando “Boa Noite Brasil”.

Apontamentos finais

Goffman (1991) chama a atenção para a operação de enquadramento promovida pelos agentes para interpretar e organizar sua ação nas diferentes situações. Enquadrar significa acionar “quadros de sentido”, um sistema de referências e coordenadas que nos permite dotar de sentido, identificar, classificar e dar coerência a uma situação ou acontecimento – orientando, em decorrência, suas atitudes e comportamentos naquela situação. Cada sociedade possui múltiplos quadros disponíveis; para os seus membros, promover uma boa “definição da situação” é essencial para garantir a segurança e acerto no desempenho dos papéis. Conforme Sacks, os indivíduos se situam corretamente numa situação utilizando “dispositivos de categorização”, que é a classificação dos papéis (e pares relacionais de papéis) em categorias.

A análise dos programas nos mostra que eles utilizaram enquadramentos diferentes – e sem dúvida essa operação de enquadramento está ligada à figura do apresentador e à proposta de cada programa, bem como à trajetória e evolução da personagem Fernanda Karina.

Frente a um fato novo no mensalão – a aparição de uma mulher jovem, razoavelmente atraente, disposta a falar, embora ainda titubeante – o olhar arguto e indis-

creto de Jô vê um caso a desvendar: que mulher é esta? Que relação é esta entre ex-secretária e ex-patrão que trocam acusações mútuas?

No programa de Ana Maria, ou, melhor dizendo, na cozinha de Ana Maria, quase um mês depois, os fatos já razoavelmente esclarecidos (nenhum grande enigma no ar), a apresentadora recebe uma mulher – uma mãe, uma esposa, uma profissional, que amarga as consequências de seu ato de audácia e precisa ser justificada e apoiada. Se Jô Soares flerta com uma recém-chegada, Ana Maria acolhe uma amiga.

O Boa Noite Brasil tem uma natureza um pouco diferente; o quadro em que ela participou não se caracteriza como um estrito programa de entrevista, mas como um jogo, um ping pong com questões variadas. Ali, ao contrário do que o programa enuncia, não é tanto a verdade que está em jogo, mas a destreza do participante em responder e lidar com questões supostamente embaraçosas. A falta de sequência das perguntas objetiva exatamente captar a resposta rápida e desprevenida. O programa então não se fixa em nenhum aspecto, mas evidencia a sequência de cenas que Fernanda Karina parece protagonizar.

Quanto à própria Fernanda Karina, percebe-se uma clara mudança em seu desempenho do ponto de vista da segurança e clareza do próprio papel. Como ressaltado antes, em princípio ela se enquadra bem no posicionamento e (categorização) que lhe é dado por um e por outro programa: ex-secretária no Programa do Jô, mulher-cidadã no Mais Você. No entanto, no primeiro ela ainda está insegura quanto à definição da situação (não apenas no que diz respeito ao programa em si, mas quanto a seu papel num cenário que lhe é novo: testemunha de acusação, exposição midiática). No segundo programa seu papel já está mais definido, e o enquadramento dado pelo programa lhe é sensivelmente mais adequado e favorável. Mais adiante, no Boa Noite Brasil, ela já se situa num lugar de celebridade, anuncia sua pretensão a se candidatar ao Congresso Federal e se vê como alguém que vai entrar para a história.

Do ponto de vista das interações, confirma-se que as entrevistas obedecem a dinâmicas pré-definidas, em que a entrevistada tem uma pequena margem de condução. Mas percebe-se que o Programa do Jô é mais fechado, e o espaço de intervenção da entrevistada é menor. No Mais Você a sintonia da conversa parece quase natural, como se as duas construíssem juntas o fio da conversação. No Boa Noite Brasil, apesar do estilo ping-pong e do elenco de perguntas fechadas, acontecem pequenos embates, em que Fernanda Karina luta para dar coerência e força para seu papel (ali, de alguém importante e segura de si), e o apresentador opõe ligeiras resistências.

A leitura dos três programas, num intervalo de um mês e dez dias, também nos permite ver como o acontecimento evolui no tempo e em etapas, e o encadea-

mento dos três ilumina diferentemente cada um deles (lembrando que a leitura promovida pelos expectadores é resultado da exposição indistinta aos vários produtos disponibilizados, ou seja, da contraposição e seleção dos fragmentos consumidos).

Um aspecto óbvio, mas que vale ser registrado, é que a figura do apresentador não se vê em causa e não é mexida pela interação, e os apresentadores analisados apenas se vêem confirmados no seu lugar. Ou seja, nesses programas, reconhecemos o mesmo Jô Soares de outros, idem para Ana Maria e Leão. Esta obviedade ou naturalização, no entanto, pode ser revista desde que coloquemos em questão o lugar e o papel do entrevistador, contrapondo este tipo de desempenho a outras possibilidades, em que cada situação de entrevista é importante para construir ou desconstruir também a figura do apresentador; em que o entrevistado pode influir, senão no rumo, pelo menos no enquadramento da entrevista¹¹.

De toda maneira, nosso exercício de análise em torno da aparição e enquadramentos sofridos por Fernanda Karina nesses programas confirma a existência de distinções no âmbito da programação midiática, contrariando ou pelo menos relativizando a imagem corrente de pasteurização de tais produtos, registrando a presença de discursos diferenciados e imagens controversas. Essa produção “mista” veiculada pela televisão, por sua vez, é revista e novamente alterada no quadro das interações que acontecem então entre as emissões midiáticas e os telespectadores. Mas este já é um outro quadro, que supõe um novo e distinto movimento de análise ■ FAMECOS

NOTAS

* Este trabalho é resultado de projeto de pesquisa da autora, financiado pelo CNPq – Narrativas do cotidiano, na mídia, na rua. Fase II: Consonâncias e dissonâncias no âmbito da comunicação (2003-2007), desenvolvido junto ao GRIS (Grupo de Pesquisa em Imagem e Sociabilidade) da UFMG.

- 1 Em trabalhos anteriores (França & Almeida, 2007) buscamos acompanhar a construção do acontecimento FK ao longo de alguns meses e através da cobertura dada ao caso por diferentes órgãos da imprensa.
- 2 O conceito de interações comunicativas foi desenvolvido em França, 2008.
- 3 A etnometodologia é uma corrente da sociologia americana cujo marco fundador foi a publicação de *Studies in Ethnomethodology*, de Harold Garfinkel, em 1967. Ver também Coulon (1995).
- 4 Só se estabelece e se mantém uma conversação se

existe alguma coisa sobre a qual conversar. Para Marcuschi (1991), Goffman se refere a isto quando diz que uma conversação é uma “interação centrada”.

- 5 Quando alguém diz “bom dia” para outra pessoa, tem a expectativa de ser saudado da mesma maneira pelo seu interlocutor; quando diz “obrigada”, espera que o outro diga “não há de quê”. Através da presença dos pares adjacentes, a conversação cotidiana transcorre dentro de um alto grau de previsibilidade. A quebra desses encadeamentos esperados causa estranhamento e indica uma alteração no quadro interativo.
- 6 De acordo com Orlandi (2005), os implícitos compreendem o não-dito subsidiando o dito. Segundo esta autora, o não-dito, de alguma forma, complementa o e acrescenta-se ao dito. Desse modo, os programas significam mais do que a fala literal dos apresentadores e de Fernanda Karina. Olhar para os implícitos é essencial para perceber a construção que cada programa dá ao acontecimento, com que conteúdos implícitos ele dialoga.
- 7 A informação sobre um convite da Playboy a Fernanda Karina circulou naquele momento, mas o ensaio fotográfico não chegou a se concretizar.
- 8 Em seu depoimento no Conselho de Ética da Câmara, Fernanda Karina faz referências à gerente financeira da SMP&B, Simone, responsável pela contagem e separação do dinheiro destinado ao pagamento do mensalão, e Jô Soares comenta essas referências como se esse dado fosse do conhecimento de todos: “Teve uma hora que você falou assim: ‘não, ela cansava de contar dinheiro’. Aí você visualiza a cena de uma pessoa contando tanto dinheiro que chega uma hora que dá câimbra na mão”.
- 9 De acordo com o capítulo IV – Do Sigilo Profissional – do Código de Ética da profissão, (publicado no Diário Oficial da União de 7 de julho de 1989 e disponível no site <http://www.fenassec.com.br/codigo.html>, a secretária e o secretário, no exercício de sua profissão, deve guardar absoluto sigilo sobre assuntos e documentos que lhes são confiados.
- 10 Conforme caracterização feita em trabalho anterior (França & Almeida, 2007).
- 11 Há exemplos de um formato de entrevista mais livre em outros países, onde o entrevistador de fato se propõe a ouvir o entrevistado. No Brasil, arriscamos a pensar em algumas personalidades espirituosas e/ou irreverentes, como Leonel Brizola, Derci Gonçalves, que transbordavam as entrevistas das quais participavam, por vezes criando dificuldades

para o entrevistador.

REFERÊNCIAS

- COULON, Alain. *Etnometodologia*. Petrópolis: Vozes, 1995.
- FRANÇA, Vera. Interações comunicativas: a matriz conceitual de G.H. Mead. In: PRIMO, Alex et al (Org.). *Comunicação e interações*. Porto Alegre: Sulina, 2008.
- _____. & ALMEIDA, Marco Antonio. O caso Fernanda Karina: As Potencialidades do Acontecimento. *TRAJECTOS. Revista de comunicação, cultura e educação*, vol 10. Lisboa, p.49-67, 2007.
- GARFINKEL, Harold. *Studies in ethnomethodology*. Englewood Cliffs New Jersey: Prentice Hall, 1967.
- GOFFMAN, Erving. *A representação do eu na vida cotidiana*. Petrópolis: Vozes, 1995.
- _____. *Les cadres de l'expérience*. Paris: Minuit, 1991.
- HERITAGE, John C. *Etnometodologia*. In: Guiddens, A. & Turner, J. (Org). *Teoria social hoje*. São Paulo: UNESP, 1999.
- MARCUSHI, Luiz Antônio. *Análise da conversação*. São Paulo: Ática, 1991.
- MATTELART, Armand & MATTELART, Michelle. *História das teorias da comunicação*. São Paulo: Loyola, 1999.
- MEAD, George-Herbert. *L'esprit, le soi et la société*. Paris: PUF, 2006.
- ORLANDI, Eni P. *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. São Paulo: Pontes, 2005.
- QUÉRÉ, Louis. La structure de l'expérience publique d'un point de vue pragmatiste. In: CEFAÏ, D. & JOSEPH, I. (Orgs). *L'héritage du pragmatisme. Conflits d'urbanité et épreuves de civisme*. Paris: Ed Aubes, 2002.